

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CARMEN CÉLIA CEZAR MATIAS

A AFETIVIDADE COMO FATOR POSITIVO PARA A
APRENDIZAGEM

CAMPINAS

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CARMEN CÉLIA CEZAR MATIAS

A AFETIVIDADE COMO FATOR POSITIVO PARA A
APRENDIZAGEM

Memorial apresentado ao Curso de Especialização em Gestão Educacional, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão de curso.

CAMPINAS

2009

"Aos meus pais, por incentivar-me ao estudo, aos meus filhos Raone e Ramon por me dar o sentido do cuidado e ao meu esposo pela compreensão e estímulo em todos os momentos".

AGRADECIMENTOS

Há etapas em nossas vidas a qual podemos realizar várias coisas sem precisar de pessoas para nos auxiliar. Entretanto há outras que não podemos deixar de acreditar em alguém muito maior que nós, que sempre norteia nossos passos: estudiosos, crenças, culturas. Por isso, em primeiro lugar agradeço a Deus por me dar coragem, forças, discernimento e sabedoria para iniciar esta formação e concluí-la.

"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda".

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01
1 - MINHA INFÂNCIA.....	03
1.1. Meu primeiro contato com a escrita.....	04
1.2. A figura paterna e o incentivo escolar no Mobral.....	05
2 – UM POUCO SOBRE MINHA VIDA.....	07
2.1. Minha primeira série.....	07
2.2. Mais uma descoberta: A matemática.....	09
2.3. O ginásio tradicional: o desprazer do saber.....	10
2.4. Em busca de um sonho: o Magistério.....	13
2.5. A descoberta da maternidade e a afetividade na constituição do professor.....	15
3 - O MAGISTÉRIO E AS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E PESSOAIS.....	17
3.1. SESI: A divisão dos saberes entre educador e educando.	18
4 – NOVO DESAFIO: A GESTÃO ESCOLAR.....	20
4.1. A afetividade em sala de aula.....	25
5 - A ESCOLA E O CAPITALISMO	27
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
ANEXO.....	33

APRESENTAÇÃO

Busco neste memorial, através de forma narrativa registrar e refletir sobre os caminhos que trilhei para chegar até aqui. Como fui me constituindo filha, aluna, mãe, professora e gestora, ou seja, a minha história de vida numa perspectiva histórica e reflexiva uma análise crítica das atividades acadêmicas desenvolvidas até o presente momento, relacionada com a afetividade e a aprendizagem.

Ao longo da minha prática pedagógica, e lá se vão vinte e três anos, foi um período de crescimento pessoal, de formação de identidade. Este tempo em sala de aula foi para mim uma escola e hoje, atuando como gestora, sinto a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática, levantando questões que angustiam meu cotidiano escolar e uma delas é a indiferença que permeia a relação educador-educando, cujo enfoque será sobre a importância da afetividade na relação professor aluno.

Os vínculos estabelecidos entre professor e aluno, sempre significaram muito para mim no espaço escolar e sei o quanto isso interfere, influencia, motiva a relação, bem como a troca de saberes. Considero os afetos, as emoções e os sentimentos essenciais e um dos principais elementos do desenvolvimento humano, visto que a dimensão cognitiva se dá num ambiente marcado por mediações essencialmente afetivas.

Segundo a teoria de Wallon (1995), as emoções dependem fundamentalmente da organização dos espaços para se manifestarem e a escola deve proporcionar uma formação integral (intelectual, afetiva e social).

Poder um dia estudar nesta conceituada faculdade de educação para mim parecia impossível. O que se tornou possível graças à parceria estabelecida com a Prefeitura da cidade de Várzea Paulista e a Unicamp. Pude entrar em contato com excelentes profissionais da Educação, o qual contribuiu para meu processo de aprendizagem. Além de compartilhar os anseios, realidades e propostas entre os profissionais da Educação das diferentes cidades.

Relato também a influência do capitalismo na Educação, onde as políticas educacionais no Brasil são referenciadas nas propostas dos organismos internacionais, incluindo as pessoas, visando à exploração, como força de trabalho a começar por nós gestores.

A construção pessoal e coletiva exige paciência histórica, assim enquanto gestora descrevo o quanto esta formação possibilitou fundamentar teoricamente as tomadas de decisão cotidianas, na direção de uma ação cada vez mais intencional e menos ingênua. Tendo a escola como um espaço de produção de cultura, criado para transmitir às novas gerações aprendizagem essencial os professores devem ser uma fonte permanente de informação, segurança, interrogações e afetos.

1- MINHA INFÂNCIA

*“(...) vamos bordando a nossa vida,
sem conhecer por inteiro o risco,
representamos o nosso papel, sem
por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos para
olhar o bordado já feito e sob ele desvendamos
o risco desconhecido; ou para as cenas já
representadas, e lemos o texto, antes ignorado.
E é então que pode escrever como agora faço-a
“história”...*

Magda Soares

Nasci em 1967, na zona rural da cidade de Bragança Paulista e ali vivi meus cinco primeiros anos de vida. Éramos uma família muito humilde e desde a mais tenra idade eu acompanhava meus pais no trabalho, na lavoura de café e feijão.

Meus pais contam que este foi o período mais difícil de nossas vidas, inclusive nesta época veio a falecer um irmão de apenas quatro meses de vida por desnutrição, pois minha mãe teve uma infecção e não podia amamentá-lo. Como eu já tinha quase dois anos de idade, era meu pai quem deixava a mamadeira pronta para minha alimentação antes de ir para a roça.

Desde o nascimento, a criança necessita de cuidados e de afeto para garantir sua sobrevivência, sendo assim, através desta atitude de meu pai, pude sobreviver.

O recém-nascido é um ser cuja totalidade de reações necessita ser completada, compensada, interpretada. Incapaz de efetuar algo por si próprio, ele é manipulado pelo outro e é nos movimentos deste outro que suas primeiras atitudes tomarão formas. (WALLON *apud* WEREB e Nadel-Brulfert, 1999, p.161).

O desenvolvimento da afetividade se inicia nos primeiros dias de vida da criança e se prolonga por toda a vida.

Em meus primeiros anos de vida não tive nenhum contato com material escolar ou a escrita. A ferramenta mais usada era a enxada.

Recordo-me das brincadeiras entre mim e minha irmã embaixo do cafezal. Meu pai fazia apitos com folhas de café, bichinhos de banana verde e bonecas de espiga de milho. Era uma diversão só.

Hoje percebo que esse ato de brincar foi muito importante para mim, além de se transformar em significativas lembranças, foi essencial para o meu desenvolvimento. Segundo Weiss (1997):

Através do brinquedo, a criança inicia sua integração social; aprende a conviver com os outros, a situar-se frente ao mundo que o cerca. Ela exercita brincando (...). Brincando, a criança desenvolve seu lado emocional e afetivo bem como algumas áreas do domínio cognitivo, tais como a capacidade de síntese, o jogo simbólico etc (WEISS, 1997, p. 24-25).

Por meio da brincadeira, o aprendizado é estimulado propiciando um desenvolvimento integral: cognitivo, físico e afetivo e através dela, a criança constrói sobre a realidade. Quando o professor conhece o desenvolvimento da criança fica mais fácil estabelecer o vínculo da afetividade, proporcionando aos seus alunos oportunidades de recriar de uma forma espontânea e imaginativa os seus desejos.

1.1. MEU PRIMEIRO CONTATO COM A ESCRITA

“Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro”.

Clarice Lispector

No ano de 1972 nos mudamos para Várzea Paulista, onde moro até os dias atuais. É aqui que se iniciam os meus primeiros passos no mundo das letras.

Lembro-me de um velho gibi do Zorro ainda em preto e branco. Na época eu possuía apenas um pequeno lápis roxo e permanecia horas e horas colorindo todas as

bolinhas que encontrava naquelas páginas. Somente mais tarde soube que se tratava da letra “o”.

Onde morávamos era a rua principal por onde passavam muitos pedestres, um grupo especial chamava-me a atenção: os estudantes. Eu perguntava a minha mãe: “Quem são eles?” “De onde eles vêm?” E ela me respondia que eram estudantes e estavam vindos da escola. É para lá que você irá quando crescer, dizia ela. Então eu ficava no portão, ansiosa para crescer, imaginando como seria uma escola. Torcia para que chegasse logo a minha hora, no íntimo eu já sentia que ela mudaria minha vida.

Enquanto isso ia fazendo os “deveres de casa...” Meu pai trazia da indústria onde trabalhava, um grande saco de papelão, e eu com o único lápis, roxo, contornava as letras expostas na embalagem molhando a ponta do lápis na saliva, para ficar bem forte o contorno.

O tempo foi passando e assim cheguei aos sete anos, idade em que as crianças ingressavam na 1ª série. Porém ainda não havia chegado minha vez. Por fazer aniversário no mês de julho, não seria possível ingressar naquele ano.

1.2. A FIGURA PATERNA E O INCENTIVO ESCOLAR NO MOBREAL

*“(...) não procuro conhecer o passado
procuro pensar o meu passado; não busco
que vivi, busco perceber o que
estava pensando, quando vivi.”*

Magda Soares

O primeiro contato com a escola veio ainda naquele ano. Passei a freqüentar juntamente com meu pai, no período noturno chamado MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização).

Foi lá que passei oficialmente a ter contato com a leitura e a escrita. Meus colegas eram todos adultos e assim como eu estavam aprendendo o “bê – a – ba.” Eu adorava estar lá, enquanto a professora alfabetizava meu pai, eu também ia me familiarizando com as sílabas e as palavras que faziam parte do mundo daquelas pessoas: tijolo, trabalho... Também foi lá que adquiri o gosto pelo estudo que perdura até hoje.

Mesmo tendo aquela professora uma prática tradicional, suas atividades me prendiam a atenção e eu sentia satisfação ao realizá-las. Hoje tenho a consciência de que o projeto pedagógico do MOBREAL propunha o condicionamento do indivíduo ao *status quo* e que sua proposta de educação era baseada aos interesses políticos vigentes na época, cujo objetivo era ser: “uma organização já estruturada e com significativa experiência a serviço da política social do governo e voltada para a efetiva promoção do homem brasileiro” (CORRÊA, 1979, p. 471). Portanto, não existe educação neutra, toda educação, ou reforça o sistema ou questiona-o, procurando ações transformadoras.

Acredito que no período inicial da alfabetização o trabalho deva ser sistemático, a fim de levar o aluno a compreender as regras que orientam a leitura e a escrita no sistema alfabético, para isso se faz necessário que:

Pensar na alfabetização numa perspectiva de letramento significa, portanto, desenvolver atividades e experienciar situações que envolvam a leitura e a escrita numa perspectiva crítica e não do ponto de vista adaptativo de simples codificação e decodificação do código escrito. É preciso promover a reflexão sobre a escrita para que ela seja compreendida nos usos e nas funções social presentes no cotidiano (LEITE, 2001, p.70).

Para que ocorra efetivamente a alfabetização, o ambiente deve ser afetivamente favorável e significativo, levando-se em conta que cada aluno é único e deve ser reconhecido como indivíduo autônomo, com diferentes experiências de vida. E é através da vivência que o conhecimento e a afetividade são construídos por meio de relações emocionais positivas.

Durante muitos anos fui professora alfabetizadora de crianças e de adultos na fundação Educar (coincidente era o antigo MOBREAL), freqüentemente com salas bem numerosas, porém sempre buscava envolver os alunos, valorizando seus acertos, criando vínculos e cativando-os para que aprendessem sempre mais e mais, tornando o conhecimento prazeroso e saboroso, assim como ele é para mim. Buscava desencadear no aluno o desejo de aprender, motiva-o a ir mais longe. Isso só é possível quando o professor é apaixonado pelo próprio trabalho e acredita no que ensina. Criando vínculos afetivos ele converte o desejo de ensinar e o desejo de aprender em conhecimento. Por ser a sala de aula um espaço vivo, os afetos, as emoções são sentimentos essenciais e um dos principais elementos do desenvolvimento humano.

Tudo que vivenciei em sala de aula me fez refletir sobre a minha prática e ao término deste curso, pesquisando a respeito da afetividade nas práticas pedagógicas,

pude perceber que as emoções não são obstáculos a serem evitados, pois “a emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento”. (VIGOTSKI, 2003, p.121).

2 – UM POUCO SOBRE A VIDA ESCOLAR

2.1. MNHA PRIMEIRA SÉRIE

*“Fomos um dia o que alguma educação nos fez.
E estaremos sendo, a cada momento de nossas vidas,
o que fazemos com a educação que praticamos
e o que os círculos de buscadores de saber
com os quais nos envolvemos está
continuamente criando em nós e fazendo conosco”.*

Maria Celeste de Moura Andrade

Finalmente, no ano seguinte ingressei na primeira série. Nesta época, era a única escola do bairro: o grupo escolar. Recordo-me da professora Jandira, uma pessoa muito marcante em minha vida. Era alta, branquinha, olhos azuis e usava um grande óculos. Foi minha professora por dois anos.

Na sala de aula, sentia-me em um reino encantado ao ouvir suas belas e fascinantes histórias. A emoção que ela depositava nas leituras me contagiava e me envolvia, podia até imaginar e criar. Ainda hoje guardo em minha memória suas expressões e o tom de sua voz. Ela nutria em mim a vontade de poder ler. E eu não via a hora de ler todas aquelas histórias.

Hoje, ao rememorar através da escrita minha formação, percebo que esta professora contribuiu muito para que isso acontecesse. Enquanto profissional da educação, sempre busquei fazer uso da entonação, pois sei que isto cativa e faz a diferença na construção do leitor e possibilita o desenvolvimento da cognição/intelectualidade e a afetividade em relação à leitura.

Finalmente fui alfabetizada, sentia prazer em estar naquele espaço. Já dizia Aristóteles que o conhecimento é uma fonte de prazer, pois afinal, o pensamento é a atividade essencial do homem. O tempo foi passando e com ele todo esse encanto, “o desejo de saber” foi tornando-se cada vez maior. A escola representava um ideal a ser

alcançado, significou para mim um importante papel de mudança social, afetiva e intelectual. Nutro a busca contínua pelo saber através de novos conhecimentos.

Acredito que o papel do professor é o de provocar a reflexão crítica de seus alunos a partir de situações conflitantes relacionados com a sua realidade. No entanto, se faz necessário que o professor seja um profissional que tenha consciência de sua função social, que seja autor de sua prática e que constantemente reflita sobre ela.

Na alfabetização escolar o professor é o principal mediador e para que desenvolva uma perspectiva crítica no aluno, antes de tudo ele tem de ser crítico, tendo em mente que tipo de cidadão pretende formar, homens livres ou dominados. Os livres são os que desenvolveram a consciência crítica devido a reflexão. Assim o professor deve levantar conflito, contradições e questionamentos (FREIRE E MACEDO, 1990 Apud LEITE E TASSONI, 2002).

A escola, ao qual atuo, recebe desde o ano de 2008 a criança de seis anos, recém ingressa no ensino fundamental de nove anos, o que obviamente é um ganho para ela principalmente na Vila Real, que é onde se insere a escola. Lá a realidade social é muito “real”, pois se trata de uma região carente e precária. Certamente a criança, desta escola ganha em qualidade, principalmente à alimentação diária, além é claro, de se desenvolver intelectualmente e socialmente.

Atualmente contabilizamos, na faixa etária de seis anos, duzentas crianças atendidas em nossa unidade, desta forma procuro juntamente à coordenação, propiciar aos professores durante o trabalho coletivo, momentos de reflexão que os levem a plena realização da proposta pedagógica, apesar do espaço e recursos limitados, buscando formas diferentes na tentativa de oferecer melhores condições de ensino de maneira mais agradável, organizando os espaços de aprendizagem e otimizando o uso do tempo.

E já que a função da imaginação é melhorar a situação do homem no mundo, nós os atores da escola pública, buscamos acolher essas crianças e apesar das limitações, tentamos todos os dias superar os desafios e por meio da criatividade, transformar o espaço e as ações escolares.

2.2. MAIS UMA DESCOBERTA: A MATEMÁTICA

Foi no período da 3ª e 4ª séries que tive contato com uma professora, que me parecia um tanto “amarga”: D. Ana Carolina. Parecia que não gostava de estar ali. Ela era magrinha, cheia de sardas e eu morria de medo, só de olhar para ela.

Ela era muito severa, o que impossibilitou meu melhor desenvolvimento em matemática. Foi nesta época que tive contato com o “medo” na escola. Ela se mostrava como detentora do saber.

Os momentos de correções dos exercícios matemáticos eram um horror. Eu abaixava a cabeça para distrair o olhar sobre mim e torcia para não ser chamada para ir à lousa.

Às vezes esta tática funcionava, outras não. Um dia fui chamada para efetuar uma enorme divisão, e lá fui eu. Quando cheguei à lousa, “me deu um branco” e eu permaneci lá uma eternidade.

A classe aguardava em silêncio, o que se escutava eram somente os gritos da professora ameaçando: “se não aprender matemática, não passará de ano”. “Pode tirar o cavalinho da chuva”. Eu até chegava a imaginar realmente o cavalinho tomando chuva. Aquela era uma expressão nova para mim.

Após um longo período ali parada, ela não intervinha com explicações e me mandava sentar. Em seguida era chamado um novo aluno e a tortura recomeçava.

Ao rememorar através da escrita este episódio ele ainda me causa arrepios. Não havia clima emocional favorável para que acontecesse a aprendizagem e ainda hoje a emoção é pouco estimulada pelos modelos de ensino tradicional, prevalecendo as comparações, os juízos de valor, as humilhações e as desqualificações.

É com a dificuldade nesta disciplina que percorri os quatro anos do ginásio: Com medo e incapaz de associá-la a prática. Constantemente recorria a minha amiga Sebastiana que, sentada ao meu lado, ia traduzindo a linguagem matemática dita pelo professor e levava-me a entender os conceitos.

Muitos anos mais tarde, em busca de vencer este desafio, ingressei na faculdade de Biologia, onde tive contato com a matemática por três anos. Lá também as aulas eram padronizadas e os conhecimentos eram transmitidos prontos e frios através de repetições e imitações sem significado.

Nos anos seguintes cheguei a lecionar esta disciplina no ensino fundamental. A partir daí, pude perceber o quanto a postura do professor interfere na aprendizagem,

pois o modo como ele enxerga o aluno é essencial para o sucesso da aprendizagem. Como nos diz Freire (FREIRE, 2003. p.47): “A Educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser farsa. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe.”

Neste curso de especialização em gestão pude refletir de maneira mais crítica sobre o currículo de matemática e pude perceber que prevalece o modo industrial de ensinar: uma educação que trabalha com um modelo de ensino predeterminado, padronizado, com base na memorização, no treinamento, na disciplina micropunitiva e na aprendizagem por repetição, desempenhando um papel de produção e legitimação de interesses políticos, econômicos e sociais.

E a escola como local social, econômico e cultural se encontra atrelada às questões de poder e controle e difunde as exigências do sistema através dos currículos e programas sistematizados, reproduzindo a sociedade na qual ela se insere.

Se o objetivo da escola é educar todos os alunos para que alcancem seu potencial máximo, as escolas precisam afastar-se da padronização e buscar um modelo centrado no estudante, com um desenho modular que permita trabalhar com as diferenças e culturas. E que o conhecimento não fique restrito aos interesses dos dominantes.

O exercício do poder, na visão de Foucault é “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”. (FOUCAULT, 1998, p.07). O professor em sala de aula, muitas vezes reproduz a ideologia dominante através de sua postura e seu discurso, que controla, vigia, disciplina e mantém o mecanismo de poder.

Estudar as teorias da Educação para mim foi fundamental para compreender os mecanismos que operam a relação ensino e aprendizagem, nos diferentes períodos da história da educação, sua organização social e ideologias que perpassam os valores éticos da educação.

2.3. O GINÁSIO TRADICIONAL: O DESPRAZER DO SABER

“Contar é tão dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas

*coisas passadas de fazer balance,
de se remexerem nos lugares.”*

Guimarães Rosa

Relembrando ainda o período escolar, o antigo ginásial, vivi minha adolescência em busca de superar meus limites. Era uma aluna calada, porém pensava e observava muito. Constantemente eu me sentia cobrada por meus pais e me esforçava o máximo a fim de obter êxito na aprendizagem.

A turma era pequena, recordo-me que muitos dos meus colegas de classe ficaram pelo meio do caminho, evadindo-se. Em minha oitava série, éramos apenas quatorze alunos concluintes em uma escola pública, a educação ainda era privilégio de poucos.

Diferente do que acontece hoje no nosso país, onde milhões de crianças têm acesso à escola e freqüentam as aulas, mas aprendem pouco, muito pouco. Vejo que não basta a implantação de uma política de curto prazo, mas estabelecer metas para mandatos permanentes. A Educação não deve ser considerada custo, visto que o conhecimento não é mercadoria. Aprendi neste curso de gestão que o sistema trava a ampliação do conhecimento. Transforma-o em propriedade e diminui a capacidade de gerar conhecimentos. O objetivo da escola então deverá levar o aluno a fazer a gestão da própria vida.

Meus professores do ginásio eram responsáveis e aparentemente tinham domínio dos conteúdos. Nenhum deles me marcou profundamente, pois eram rígidos e conteudistas.

Eu permanecia horas a fio no quintal, falando sozinha em voz alta, repetindo o que o professor havia transmitido, me esforçando para memorizar todas as informações para depois depositá-las nas provas e assim conseguir boas notas. A escola tradicional era uma escola que mandava executar e não do aluno ser o autor, como diz Saviani. (1985), “o aluno estava na escola para aprender, ser obediente, memorizador e passivo”. O trabalho escolar era exclusivamente centrado no professor, enfocado por manuais iguais para todos, havia repetição de lições e passividade.

A escola utilizou durante muito tempo o recurso da memorização/repetição a fim de “garantir” o ensino aprendizagem, fazendo uso errôneo da memória. A memória é a base de todo o saber, porém depende também de condições afetivas e precisa ser estimulada e trabalhada.

Quando o professor se volta para o aluno e utiliza desta estratégia de ensino, estabelecendo ligações com o conhecimento prévio ao introduzir um novo assunto, de maneira significativa, o cérebro capta, analisa e transforma estímulos recebidos em conhecimentos. São os sentimentos que estimulam e regulam a formação e a evocação de memórias.

Entra aqui o papel da emoção, é ela que impulsiona nosso pensamento e ação. Ela está na base do processo de construção do conhecimento e da pessoa. Wallon aponta que as emoções estão relacionadas ao desenvolvimento das estruturas que compõem o sistema nervoso:

O lugar que ocupam as emoções no comportamento da criança, a influência que continuam a exercer sobre o adulto, abertamente ou em surdina, não é, pois um simples acidente, uma simples manifestação de desordem. Organizadas, têm ou tiveram, sua razão de ser. O momento que marcam na evolução psíquica corresponde ao estágio que seus centros ocupam no sistema nervoso. O papel que conservam na conduta do homem parece demonstrado pela relativa autonomia de seus centros (WALLON, 1995, p. 81).

Para isto se faz necessário reinventar a escola como constituidora de significados. Assim como a função de meus professores do ginásio era a de “passar” os conteúdos e conhecimentos, a função do aluno era apenas a de recebê-los e memorizá-los. Não havia espaço para uma aprendizagem significativa e prazerosa, não se levava em conta a individualidade e a cultura. É impossível separar o aluno de sua cultura, segundo Freire, “não há saber maior ou menor, há saberes diferentes”.

As crianças que chegavam à escola com uma cultura diferente da que aí prevalecia eram desfavorecidas pelo não reconhecimento da sua experiência sociocultural.

Muitos anos se passaram desde esta época e ainda encontro nas escolas por onde passo esta concepção tradicional. É muito difícil o professor romper com esta prática convencional. Talvez porque ao longo dos anos, a escola não foi preparada para trabalhar com a diversidade.

Enquanto aluna nesta universidade, tive acesso a materiais diversos e as leituras me que levaram a refletir e a ampliar meus conhecimentos sobre a educação nos dias atuais, e é na sala de aula onde começa e termina o trabalho do gestor. Segundo Anísio Teixeira (1961, p.84), “é ele o professor principal, o primeiro educador”. Cada vez mais acredito que se faz necessário proporcionar espaço no cotidiano da escola a fim de

levar o professor a refletir e constantemente rever sua prática e seu trabalho, sem o qual não há garantia de mudanças e melhorias na qualidade da relação ensino aprendizagem. Desta forma, os professores também estarão se constituindo autores de sua prática, e perceberão a função social de seu trabalho tornando-se professores de corpo e alma que captam as necessidades dos alunos.

2.4. EM BUSCA DE UM SONHO: O MAGISTÉRIO

“Eles não sabem, nem sonham, que o sonho comanda a vida, que sempre que um homem sonha o mundo pula e avança como bola colorida entre mãos de uma criança.”

António Gedeão

Desde cedo tinha o ideal de ser professora. O que contribuiu para esta escolha certamente foi o desejo de crescer no conhecimento, pois eu já havia experimentado a diferença que a Educação havia feito para mim.

A Educação abriu-me o horizonte, o olhar e pude vislumbrar outra perspectiva de vida, diferente daquela que minha família experimentara, visto que eu fora a única até então a ter frequentado a escola por mais tempo. Nascia em mim o desejo de poder contribuir para o crescimento e formação de outras pessoas também. Esta foi a motivação que constantemente me impulsionou.

Hoje percebo que, apesar da escola daquela época não apresentar um rico ambiente alfabetizador como nos dias atuais, para mim foi significante, pois garantiu experiências culturais básicas, as quais eu ainda não tinha experimentado e vivenciado com minha família.

Assim, noto a importância em despertar o interesse das crianças nas questões referentes à leitura e escrita, bem como confrontá-las com a sua função social, pois é durante a realização das atividades que o professor através de objetivos coesos pode favorecer vínculos de afetos e relacioná-lo a sua vida e possibilitar uma aprendizagem com sucesso. Foi assim que meu desejo cresceu, e então fui em busca de ampliá-lo.

Pretendia cursar o magistério em uma concorrida e conceituada escola pública, localizada na cidade vizinha, porém, como já disse, não era uma excelente aluna do ponto cognitivo, principalmente em ciências exatas.

Assim, em 1983 prestei o vestibulinho e ingressei no primeiro ano do colégio EEPSEG "Antenor Soares Gandra". Somente no ano seguinte fui propriamente para o magistério, já que o primeiro ano constituía-se de um currículo básico.

Tudo era novo para mim, uma escola enorme, colegas novos com culturas e vivências sociais e econômicas diferentes. E eu fui me adaptando, cada dia era uma superação, inclusive econômica.

Recordo-me em muitos finais de semana eu saía pelas ruas do bairro vendendo verduras cultivadas por meu pai em nosso quintal. Este foi o meio encontrado por mim para levantar recursos para a aquisição dos materiais solicitados, como os livros e para o transporte.

E foi ali, naquele curso de magistério, que tive minha formação inicial e entrei em contato com as teorias da educação, através daquele grupo de professores, que por sinal eram bem conservadores. Apenas um em especial, ministrava aulas ditas "diferentes" em suas aulas de Didática.

O Professor Afonso, este era seu nome, era dinâmico, afetuoso e chamava todas nós pelo nome e se importava com nosso aprendizado. Em suas aulas promovia debates, seminários (uma novidade para mim) e permitia que nós falássemos. Eu aproveitava o máximo de suas aulas.

No ano seguinte comecei a lecionar em caráter de substituição nas duas escolas de meu bairro. Cada dia eu estava em uma delas. Logo de início me encantei pela sala de aula. Por também ser moradora daquele local, conhecia basicamente quase que todos os alunos e suas respectivas famílias.

Pouco a pouco estabeleci um contato afetivo com os alunos e apesar de ser substituta tinha um bom relacionamento com todos e fui me constituindo professora. Eu era uma jovem tímida, mas minha determinação era maior, e apesar de possuir pouco conhecimento teórico, minha intuição me guiava e as aulas transcorriam calmamente. Eu acolhia as turmas e procurava organizar e adequar as atividades de acordo com as reais necessidades de cada sala. Por não ter uma turma fixa, eu possuía uma variedade de propostas de atividades e estratégias variadas a fim de adaptá-las se houvesse necessidade.

Esse período foi oportuno em minha vida, enquanto ia cursando o magistério ia também "estagiando" em sala de aula e aprendendo que "ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção". (FREIRE, 1996, p. 52).

Essas experiências foram constituindo e enriquecendo a minha prática pedagógica, ao mesmo tempo em que me levaram a perceber que existia e existe um abismo muito grande entre a formação e a prática do professor.

No magistério nos era passado uma visão de uma escola ideal, quando eu ia para a prática, a realidade era outra, assim o curso era muito distante das necessidades reais do professor.

Mesmo tendo um bom relacionamento com os alunos, não era muito fácil estar frente à sala de aula, ainda mais, na rotatividade em que eu vivia, porém aos poucos ia me transformando, juntamente com aquelas crianças, e assim fui me fazendo aprendiz de professora.

Terminado o magistério em 1986, no ano seguinte ingressei no magistério público estadual. Coincidentemente foi a mesma escola onde havia estudado e feito as substituições até então.

2.5. A DESCOBERTA DA MATERNIDADE E A AFETIVIDADE NA CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR.

*“Sinais do corpo
Somos o que somos
Somos o que sentimos
Somos o que pensamos
Somos o que desejamos
Somos o que fazemos mediados por gestos e
movimentos.
Somos o nosso corpo
Carregamos em nosso corpo, as marcas de nossos
sentimentos, crises, conquistas, impasses, nossa
história...”*
Madalena Freire

No dia seguinte à formatura da faculdade, nasceram meus filhos gêmeos. A partir daquele dia minha vida transformou-se para melhor.

Eu que me considerava uma pessoa sensível, com a maternidade, tornei-me ainda mais. O nascimento deles foi um impacto interior e exterior muito grande. Eu, que sempre fui determinada e lutadora, agora me sentia perdida em lidar com aquela nova situação, achava-me incapaz de cuidar de meus filhos. Era muita emoção para mim. Tanto, que me aprisionava, mal conseguia sair da cama.

Sentia alegria em gerar duas vidas, mas ao mesmo tempo, uma profunda tristeza por não saber como lidar com aquele turbilhão de emoções que passava pela minha cabeça.

Meus pensamentos estavam tão acelerados e pessimistas que chegavam a me “amarrar” em cima da cama, me impossibilitando sequer amamentá-los, cuidar de mim e de meus filhos.

Então eu sofria duplamente, pois não entendia o que se passava comigo. “Como pode uma mãe ter tal sentimento?” Olhava para aquelas duas criaturas e não tinha forças para lutar, havia perdido o prazer pela vida. Nada me animava...

Passado o período de licença gestante, retornei ao trabalho, e, com o apoio da família e de meu esposo, lentamente fui me recompondo ao longo daquele ano.

Este acontecimento foi extremamente marcante em minha vida, pois a partir dele tornei-me mais humana e soube compreender mais as pessoas, aceitando suas limitações. Essa capacidade sensível de entendê-los e pôr-se no lugar deles é essencial para induzir o processo de aprendizagem.

Para tanto, o professor e ou gestor, deve conseguir entender melhor o papel das emoções na vida em geral e na aprendizagem em especial, a fim de identificar, ler e trabalhar as próprias emoções e as das pessoas ao seu redor.

Nesta gestação, momento único em minha vida, pude experimentar na pele emoções diversas, que é dar à luz a um filho, o que dirá então de dois ao mesmo tempo. E ainda: não há nenhum curso prático que nos ensine a ser mãe.

Sendo o conhecimento um processo contínuo e que ocorre no decorrer e vivência de cada indivíduo, seja ele criança ou adulto, a afetividade também se faz presente, é ela que move nossas ações.

Quando o aluno vem para a escola, traz consigo toda a sua história de vida, inclusive seus sentimentos e afetos, sendo assim não é possível separá-los. Porém a questão da afetividade e da emoção nem sempre foi levado em conta na sala de aula.

Apesar de o período escolar ser de intensa atividade intelectual, a Educação não pode priorizar somente o conhecimento racional. Maturana afirma que o homem é, na

sua origem, um ser emocional e “vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional” (MATURANA, 1999, p. 15).

Acredito que a afetividade é importante na constituição das emoções e na formação do professor. Sua ausência traz prejuízo para a Educação e conseqüentemente para a atividade intelectual. O resultado muitas vezes é uma escola indisciplinada e violenta. Muitos problemas educacionais brasileiros estão ligados a afetividade e ao processo de construção do conhecimento.

Após esta crise emocional, o desafio seguinte foi de buscar o equilíbrio entre a emoção e a razão, visto que o desenvolvimento é estimulado através de um conflito emocional.

Para Wallon, os conflitos são essenciais ao desenvolvimento: “O conflito faz parte da natureza, da vida das espécies, porque somente ele é capaz de romper estruturas prefixadas, limites predefinidos. O conflito atinge os planos sociais, morais, intelectuais e orgânicos” (ALMEIDA, 2001, p. 85). Ao resolvê-lo, obtemos um amadurecimento da afetividade e da inteligência.

3- O MAGISTÉRIO E AS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E PESSOAIS

*“Por isso é que agora vou assim
no meu caminho. Publicamente andando.
Não, não tenho caminho novo.
O que tenho de novo
é o jeito de caminhar.
Aprendi (o caminho me ensinou)
a caminhar cantando
como convém a mim
e aos que vão comigo.
Pois já não vou mais sozinho.”*

Thiago de Mello

O meu ensinar/aprender foi produzido durante o meu caminhar. Narrar sobre o processo que me perfaz professora e gestora permite recordar e refletir sobre ele.

Descrevo a seguir o percurso e os aspectos que me conduziram por caminhos muitas vezes difíceis e atribulados, mas que me proporcionaram grande aprendizado. Ao narrar minhas experiências experimentei emoções e lembrei-me de fatos que sequer sabia que ainda recordava.

Comecei a lecionar em 1985, rapidamente percebi que havia feito a melhor escolha, encontrei na profissão o sentido de meu viver. O meu desejo de ensinar impulsionava o aluno em seu desejo de aprender o que favorecia o seu aprendizado e conseqüentemente ampliava o seu conhecimento.

O aluno percebe quando o professor é um profissional realizado. A quantidade de afeto depositado em seu trabalho reflete em sala de aula e passa a ser um estímulo que gera a motivação para aprender.

Freire (1996, p. 43) nos ensina que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que posso melhorar a próxima prática”. E desta maneira, repensando as práticas tenho a possibilidade de me perceber aprendiz da experiência que está em constante processo de formação e transformação.

3.1. SESI: A DIVISÃO DOS SABERES ENTRE EDUCADOR E EDUCANDO

*“... o mais importante e bonito, do mundo, é isto”:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas – mas
que elas vão sempre mudando...”*

Guimarães Rosa
(*Grande sertão veredas*)

Relato aqui a experiência de ter trabalhado como professora nesta “empresa” era este o termo usado por minha diretora Dona Vani. Assim começa um novo desafio vivenciado por mim. Era jovem ainda, digo isto em virtude de que os professores que lá trabalhavam eram bem antigos, muitos deles prestes a se aposentar.

Na época tinha pouca experiência com alunos maiores e até então só havia trabalhado na rede pública estadual. Estar ali era uma novidade. Meu trabalho sempre foi fonte de realização e prazer, me vejo como uma professora renovadora e firme em

minhas iniciativas, pois acredito que através de minha prática, posso contribuir muito para a melhoria da condição do sujeito.

Iria ministrar aulas de matemática no ensino fundamental II em classes numerosas. O que causou certo estranhamento foi o fato de que aquelas salas de oitava séries haviam tido aulas com um mesmo professor por três anos consecutivos. Eu também estava sendo novidade para eles: era mulher, falava baixo e tinha uma prática diferenciada. No início, constantemente era comparada a ele.

Eles diziam: “esta aí é boazinha”. Gradativamente fui conquistando o espaço naquela escola. Levei-os a perceber que a matemática poderia ser ensinada de outra forma: agradável e aplicada ao nosso dia-a-dia.

Ao estabelecer com os alunos (que inclusive eram maiores que eu) uma relação afetiva, trouxe segurança a mim e a eles, levando-os a superar erros e a aprender com eles. Aos poucos também tornaram afetivos entre eles, visto que é na relação do sujeito com os outros sujeitos que a afetividade é construída.

O comentário sobre eu ser “boazinha” talvez fosse pelo fato de sorrir enquanto ministrava as aulas. E naquele local a regra estabelecida pelos professores antigos era de não sorrir, para não perder o respeito, a disciplina funcionava como um adestramento. Entretanto, esta foi umas das estratégias que utilizei como instrumento de contágio e diferenciação entre mim e eles. Aquele era um local “pobre” em afetividade.

Esta lembrança me leva a refletir sobre afirmação de Freire (1996, p. 159 – 160),

Na verdade preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade...

Além de preocupar em transmitir determinado conteúdo e conhecimentos, o professor deve se comprometer com a ação realizada, com as idéias e sentimentos do aluno e percebê-lo como um ser importante.

Desta forma, a qualidade da afetividade conquistada na relação professor/aluno foi determinante para garantir o processo ensino-aprendizagem e o desenvolvimento daqueles adolescentes.

Segundo as etapas de desenvolvimento proposta por Piaget, no período da adolescência o pensamento se encontra formado e este ampliará através das interações afetivas, levando os jovens a mudança social e a construção de novos valores.

4 - NOVO DESAFIO: A GESTÃO ESCOLAR

*“Um galo sozinho não tece uma manhã;
ele precisará sempre de outros galos.
De que um apanhe esse grito que ele
e o lance a outro, de um galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.”*

João Cabral de Melo Neto

Ao rememorar minha história de vida busquei trechos de autores que descrevessem a vivência ao qual experimentei. Bosi expressa o que sinto quando diz que: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. (BOSI, 1995, p.55). E que trabalho! O visitar meu passado, haja vista que a memória depende de condições afetivas, levou-me a um trabalho reflexivo que foi concedendo um novo significado às teorias, que tem o objetivo de fornecer uma informação autêntica sobre a ação. Hoje percebo que já tenho condições de me posicionar como sujeito histórico.

Atuei como professora por muito tempo nas escolas por onde passei, tanto particulares quanto públicas, entretanto este é o terceiro ano em que atuo como gestora (vice-diretora). Falar de meu perfil não é fácil, é necessário possuir um grande poder de adaptação às mudanças e estas envolvem emoções, causando medo e receio. Porém estar na função de gestora torna-se um estímulo pessoal e profissional cujo fim é transformar o futuro desafiante em realidade.

O curso de Gestão Educacional disponibilizado pela UNICAMP foi um espaço de formação, de discussão, de questionamento e de ampliação dos saberes. Através dele tive acesso a textos e materiais diversos que me levaram a ampliar a reflexão a respeito das concepções de escola e educação que vem norteando as políticas educacionais, as práticas pedagógicas, o trabalho docente e as ações realizadas na escola em que atuo. Gradativamente estas leituras foram sendo incorporadas ao meu novo saber e a minha atual função.

Minha formação superior é em ciências biológicas, sendo assim, foi necessário realizar a complementação pedagógica na área de Pedagogia. Porém nenhum outro curso me propiciou tamanho benefício. Jamais havia feito um trabalho de leitura tão intenso quanto o desenvolvido ao longo deste curso de especialização. Os textos apresentados abriram meus olhos. Foram leituras saborosas, cada vez queria ler mais e mais. Tornou-se para mim uma necessidade pessoal. Possibilitou-me construir novos saberes, levando-me a participar ativa e criticamente na realidade da escola ao qual estou inserida.

Tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com uma nova ferramenta: o TELEDUC, que a princípio me causou desespero e parecia que não iria dar conta de tanto leitura, informação e trabalho. Através das participações nos fóruns e das atividades de EAD me propiciavam a entrar em contato com os demais gestores, suas opiniões e discussões que circulavam no mundo da virtualidade. Ao término de cada atividade ou disciplina eu sentia um grande alívio e pensava: consegui mais esta proeza (lógico que com auxílio de alguns colegas e da família, é claro).

Aos poucos, e por intermédio da disciplina do Prof. Sérgio Amaral, fui me familiarizando e discutindo criticamente os benefícios que as tecnologias da informação e da comunicação podem acrescentar ao profissional da educação na sua prática diária.

Percebi que a tecnologia nos concede a possibilidade de manipulação do conteúdo da informação à nossa disposição. Conhecer novas ferramentas me possibilitou gerar novas idéias, me deu oportunidade para pensar novas propostas e produzir novos conhecimentos. Baccega (2002) apresenta que “a escola não é mais, hoje, o único lugar onde se adquire o saber”. Segundo a autora, o saber está presente em todos os interstícios da sociedade, carregado pelos meios de comunicação.

Não se trata, porém de encontrar soluções tecnológicas para os desafios do ensinar e do aprender. Conhecer as novas tecnologias nos permite descobrir o mundo. Brincar, experimentar, aprender sobre suas funções e benefícios nos leva a criar novas

idéias para o desenvolvimento de projetos pedagógicos. Além de que o recurso áudio-visual conduz e mexe com os sentimentos. As aulas mais interessante e prazerosas que tive no curso foram aquelas que fizeram uso deste recurso, potencializando os cinco sentidos.

Infelizmente a revolução tecnológica não favorece a grande maioria da população. Em minha unidade escolar, por exemplo, não há sala de informática, até o ano passado vinha um ônibus a cada quinze dias, equipado com professores específicos que por trinta minutos colocavam os alunos em contato com a ferramenta tecnológica. Esse ano, porém, ele ainda não apareceu...

Ao entrar em contato com a disciplina “a escola e a educação comunitária”, pude refletir e observar de perto a relação escola-pais, os sentimentos e práticas que permeiam este ambiente e de que forma eu enquanto gestora posso ser uma agente facilitadora da aproximação entre a escola e a comunidade. Partilhando a gestão com a comunidade, a escola vai buscando soluções próprias, mais adequadas às necessidades e aspirações dos alunos e das famílias, e conquista aos poucos autonomia para definir seu projeto. (CENPEC, vol.2, p.7)

Quero agora apresentar a unidade escolar ao qual atuo como vice-diretora há apenas dois anos. Este é o terceiro ano de funcionamento e ela é uma conquista da comunidade. Sua organização se dá diferente das demais escolas públicas municipais de Várzea Paulista. Por ser de espaço bem restrito, com apenas oito salas para atender a demanda do local, foi necessária a ampliação de um período e a utilização do espaço de uma escola estadual vizinha. Sendo assim, os 900 alunos dos quais atendemos, com faixa etária entre 6 a 10 anos, estão divididos em três períodos, totalizando trinta salas de aulas.

A escola está inserida em um local cuja comunidade apresenta condições econômicas e sociais precárias, um número elevadíssimo de famílias é oriundo das regiões norte e nordeste do Brasil.

Sendo a escola uma instituição social onde também estão presente os conflitos e disputas comuns na sociedade, muitas das crianças que acolhemos são totalmente abandonadas pela família sem os cuidados básicos e, portanto, transferem para a vida escolar os problemas sociais dos quais vivenciam.

Atuamos com três gestoras e aproximadamente cinquenta funcionários entre professores e demais funções, adaptamos nossos horários com a finalidade de dar atendimento e suporte a alunos e pais. Procuramos encontrar formas a fim de superar os

problemas que dificultam a relação entre a escola e a comunidade, visto que um dos grandes desafios é conseguir que a presença dos pais seja mais significativa, pois ainda existem muitas coisas a melhorar na relação entre a escola e a comunidade. Haja vista que ainda há em nosso meio a atitude de algumas famílias de:

... transferir a responsabilidade de educar para a escola. A responsabilidade primeira pela educação dos filhos é da família. Diante da complexidade da vida moderna, a família se sente incapaz de prover as crianças de todos os conhecimentos e habilidade de que estas necessitam para viver de modo significativo na sociedade; portanto, buscam as escolas. Há, contudo um equívoco que vem acontecendo com frequência: a família transfere para a escola a responsabilidade de educar os filhos que gerou. Tal responsabilidade não pode ser transferida, ela pode ser partilhada, mas não transferida. A relação família/escola é relação de parceria. A escola, por mais esforço que faça, não dará conta de substituir a família (BORGES, 2003, p. 64).

A escola por sua vez tenta preencher a brecha que a instituição familiar não consegue dar conta e essa mudança de papel traz conseqüências também para a escola. Enquanto esta absorve a ausência da família, deixa de lado outros compromissos como instituição formadora. Deve assumir o compromisso de educar além de formar, desenvolvendo alguns aspectos cognitivos, afetivos, sociais e físicos.

Com alegria me recordo da influência de meus pais em minha vida escolar. Apesar de serem semi-analfabetos sempre estiveram presentes. Recordo-me quando minha mãe me ensinou a fazer uso da letra cursiva. Eu estava na terceira lição da cartilha. Foi muito prazeroso conhecer este tipo de letra. E meu pai quando ao final de cada tarde pedia para ver meu caderno, apesar do cansaço do trabalho diário ainda tinha tempo e disposição para verificar as tarefas escolares. Às vezes dizia: “Este dever está bonito”. Ou ainda: “Aqui você precisa melhorar a letra”. Mal sabia eu que possuíam tão pouca escolaridade. Estes gestos fizeram diferença em minha vida.

Percebo que afetividade familiar e o meio social são importantes e necessários para o desenvolvimento integral da criança e está relacionada aos estados de bem estar e mal estar do indivíduo.

Assim, constantemente a equipe gestora (composta pela diretora, vice-diretora e coordenadora) atende aos pais, ouvindo-os, dialogando com eles, e na maioria das vezes são mulheres, que assumem as duas funções: paterna e materna. Tentamos compreender que a família mudou e é com essa família ao qual devemos trabalhar e que os papéis da escola foram ampliados para dar conta das novas demandas.

Para tal, precisamos primeiramente despertar no aluno o prazer em frequentar a escola e de aprender, aproximar-se do aluno e junto à comunidade, desenvolver atividades que proporcionem uma maior participação na vida escolar dos alunos, atribuindo à escola um valor cultural mais significativo.

A disciplina, “o cotidiano da escola”, me propiciou um novo olhar, pois atores que somos da escola pública é impossível ficarmos indiferentes ao cotidiano da escola e suas relações humanas, pois estamos na ponta do sistema e temos a possibilidade de instalar nossas ações, silenciosa, astuta para transformar o espaço e as ações escolares.

Tendo em vista que a razão de meu trabalho enquanto gestor/professor é o aluno, para isso, no processo educativo devem-se levar em conta as histórias de vida, sua crença e seus valores. Sinto-me envolvida com esta comunidade, visto que moro no bairro vizinho, busco juntamente com a equipe escolar formas a enfrentar os dissabores que o dia-a-dia possa nos apresentar, em busca de um contato ativo com as famílias, tornando o espaço e tempo escolar um local de criação e não de repetição, encontrando novas formas de estar nesse lugar.

Outro momento interessante do curso foi a apresentação de algumas concepções de administração da escola na disciplina “gestão escolar”, que me possibilitou refletir sobre os significados diversos que, historicamente foram atribuídos à administração na área da educação. Por meio das leituras indicadas e da vídeo aula, tive a possibilidade de rever as atribuições específicas do administrador escolar, para tanto, é necessário ter competências especiais para administrar professores e funcionários proporcionando condições de trabalho.

É também o gestor pedagógico que coordena os projetos, conhecedor das disciplinas trabalhadas em sua escola; realiza a integração aos demais órgãos; ser o intermediário e implementador das políticas públicas da secretaria; administra financeiramente a unidade escolar; cuida do patrimônio escolar e representa a autoridade (para assinar documentos e diplomas).

Porém como diz Anísio Teixeira: “o administrador depende de quem ele é, do que tenha aprendido e de uma longa experiência. Tenho observado nas diversas escolas as quais atuei enquanto professora e coordenadora, que pouquíssimos gestores exercem plenamente esta função, ou seja, de “planejar, organizar e coordenar”. (MOTA, 1997, p.4). Muitos se mantêm isolados físico, administrativo e profissionalmente, concentrando-se meramente em comandar, controlar e para isto “qualquer pessoa pode dirigir a escola” (TEIXEIRA, 1961, p.84).

Ao administrar o espaço escolar enquanto unidade social que representa, o gestor deverá ter competências especiais, pois acima de tudo ele é o dever ser, o “professor principal”, o “primeiro professor”, o líder, o transformador, segundo Prof. Dr. José Camilo S. Filho.

Gerir é liderar e não controlar, para isto existe o computador. “Liderar é conseguir o apoio e o comprometimento de todos os envolvidos”, esta foi a fala do Dr. Luiz Carlos de Freitas na aula magna. Só resolve o problema quem está dentro dele e ele (gestor) pode ser ajudado haja vista que não é fácil construir um ambiente democrático.

4.1. A AFETIVIDADE EM SALA DE AULA

“Nesse aprendizado permanente de escrever e socializar nossa reflexão, valendo-nos do diálogo com outros, sedimenta-se a disciplina intelectual tão necessária a um educador pesquisador, estudioso do que faz e da fundamentação teórica que o inspira no seu ensina.”

Madalena Freire

Quando me tornei professora, sabia que aquele era o meu lugar no mundo. Sempre me vi como uma professora renovadora e firme em minhas iniciativas. Faltava, porém o embasamento teórico, pois como já disse, costumava guiar-me pela intuição.

A relação professor/aluno sempre me preocupou, pois a partir da auto-estima e a socialização aconteceria o processo ensino aprendizagem. Procurava manter independentemente da faixa etária ao qual eu atuava um diálogo com aos alunos, prestando atenção nas palavras, nos gestos, nas atitudes nas expressões e nas linguagens corporais, tornando assim o ambiente emocional propício para a aprendizagem.

Quando os sistemas educacionais foram criados, no século XIX, predominava uma visão racionalista do ser humano. Tudo que tivesse a ver com o corpo e emoções tinham de ser afastado porque ia contra o desenvolvimento da faculdade superior de raciocinar.

Desta forma, emoção é pouco estimulada pelos modelos tradicionais de ensino e a educação brasileira ainda está baseada em princípios lineares e os currículos e seus

conteúdos assentam-se nos processos intelectuais e cognitivos, deixando de lado os fatores emocionais, considera o aluno puramente como um ser cognitivo.

A discussão sobre o tema ainda é recente, segundo Leite “durante o séc. XX criaram-se as condições para uma nova compreensão sobre o papel das dimensões afetivas no desenvolvimento humano, bem como das relações entre a razão e emoção.” (LEITE, 2007, p. 176) Começou a existir então uma busca e valorização dos sentimentos e a compreender o indivíduo como ser pensante, dotado de uma estrutura cognitiva.

Na faculdade pude me apropriar de conceitos acerca de minhas práticas e fui tendo clareza em minhas ações, superando o senso comum e baseando-me em fundamentos teóricos acerca do tema da afetividade. Hoje consigo realizar meu trabalho pautado em objetivos mais concretos.

Alguns colegas de trabalho aos quais conheço, consideram a afetividade como algo que os tornem menos profissionais, e descaracteriza o seu papel, denegrindo sua competência técnica, quando na verdade, um bom educador é aquele que está ciente de seu papel, e baseia-se em fundamentações teóricas e estudos sobre tudo o que envolve o ambiente educacional.

Afinal, um profissional atualizado, ciente de sua responsabilidade, explora as relações afetivas em sala de aula, e percebe o quanto as dimensões afetivas influenciam positivamente a relação entre eles e os conteúdos escolares. Que através dessa relação, o educando será capaz de desenvolver suas habilidades e competências plenamente, tornando-se um indivíduo completo no âmbito da inteligência cognitiva e emocional.

Desta forma, entendo que o desenvolvimento do educando torna-se vulnerável a postura assumida pelo educador no relacionamento mantido entre eles, e o fator fundamental para que esta interação possibilite ao educando um desenvolvimento pleno é a afetividade. Assim, a ausência dela na relação professor-aluno pode ser desastrosa para o desenvolvimento do educando, pois, dificultará a relação dele com os objetos de conhecimento.

Dantas in Leite e Tassoni afirma que:

No caso da criança, na qual entre ela e o objeto a conhecer existe um mediador, geralmente na pessoa de um adulto que ensina, a calidez da veiculação afetiva entre eles cataliza poderosamente a reação que resulta na apreensão do objeto pelo sujeito (DANTAS, 1997, p. 68).

O professor não é somente o mediador entre o educando e o conhecimento, seu papel é contribuir para a formação integral de um indivíduo, como um ser social, crítico e atuante e educar uma criança supõe conduzi-la ao racional sem negligenciar sua experiência afetiva, ela é um ser de emoção e de ação.

Porém, o fator determinante desse processo é a relação professor-aluno, pois, uma relação autoritária poderá marcar negativamente a vida do aluno e impossibilitar que ela atinja todo o seu potencial. Uma relação de qualidade, baseada no afeto e no respeito mútuo, trará excelentes resultados, como indivíduos felizes emocionalmente e aptos a cada vez mais se aprimorarem durante a vida.

Acredito que o ensino fundamental, especificamente a faixa etária com a qual atuo como gestora, precisa caracterizar-se como uma etapa fundamentalmente feliz e sadia, em relação aos conteúdos e aos aspectos emocionais. Para que isto ocorra, procuro estabelecer um diálogo com os professores. Em um ambiente onde as realizações do professor são valorizadas pelo gestor por menores que sejam, ele se sente satisfeito, e busca novas estratégias para o ato de ensinar.

5 - A ESCOLA E O CAPITALISMO

*“O livre desenvolvimento de cada um
é condição para o livre
desenvolvimento de todos”*

Karl Marx

A aula magna do curso de gestão educacional a fala do Prof. Luiz Carlos de Freitas, de imediato me chamou a atenção e ficou registrada em minha memória. Ele dizia que por meio desta formação, o município estava requerendo a “minha força de trabalho”. Na época não entendi a afirmação. E dizia ainda: “o conhecimento dói”. Eu pensei: “Mas como é que pode o conhecimento ser causador de dor?”

Os meses passaram, e com o tempo e os textos oferecidos por cada um dos módulos dos componentes curriculares, especificamente a disciplina “relações de trabalho e profissão docente” levou-me a compreender que o dirige e comanda a educação, hoje, é o capital. Quem “manda” na Educação é o Banco Mundial, os governos somente cumprem as metas. Então, quer dizer que eu trabalho para ele, estudo

para vender mais força de trabalho. Este conhecimento doeu em mim. Então pensei: “o sistema capitalista pode usar e comprar minha força de trabalho, porém não compra meus objetivos enquanto professora e gestora. E ainda vou fazer bom uso do conhecimento aqui adquirido”.

No capitalismo a força de trabalho é a mercadoria principal e o trabalhador não se reconhece em seu valor de trabalho. Nossa sociedade se encontra regida pelo valor de troca e marcada por valores culturais que possibilitam a formação de preconceitos e desigualdades. É-nos reforçada a necessidade de que devemos nos qualificar e nos capacitar para conseguir trabalho e parte importante de nosso tempo livre (o exemplo disso, é o fato de nós e os professores daqui termos aulas aos sábados) é transferido para garantir essa qualificação, o que não garante a colocação no mercado de trabalho, é apenas um diferencial.

Na era em que vivemos, marcada por uma economia globalizada, onde predomina a ideologia neoliberal, incluem-se as pessoas visando a exploração. O capitalismo transforma tudo em mercadoria, inclusive o conhecimento e a Educação; o aluno é transformado em consumidor de ensino, e o professor em servidor capacitado e competente para preparar os alunos para o mercado de trabalho, fazer pesquisas práticas e utilitárias em curto prazo. Assim, a escola molda os cidadãos para suprir a demanda do sistema capitalista dominante.

Em âmbito nacional, a escola pública foi criada por meio de lutas e necessidade da democratização. Ela deixa de ser privilégio de poucos, para se tornar um direito de todos. Porém, ainda atende mais as necessidades do poder capitalista do que às necessidades de um bem social.

A qualidade na Educação ainda é um privilégio de alguns, continua beneficiando os interesses de uma minoria. Pouquíssimos alunos, por exemplo, de nossa cidade chegam a frequentar uma universidade pública. E os que lá chegam dificilmente passaram pelas escolas públicas da região, acabaram frequentando as instituições particulares, que visam investir nos mais “capacitados” e ou passaram alguns anos em cursinhos específicos. Percebo que conosco também aconteceu isto: além de estar acontecendo a precarização do trabalho, estudando aos sábados, “entramos pelas portas do fundo” nesta conceituada faculdade.

Essa situação me remete ao término de minha oitava série. Como disse, éramos apenas em quatorze, destes, somente eu e uma colega concluímos o nível superior. Eu na área da Educação, ela na área da Justiça.

É por isso que o conhecimento “dói”, porque é impossível tê-lo e não mudar. Faz-se necessário que eu reveja os valores. Por intermédio de meu trabalho, que é a ponta do processo, reflete as políticas públicas, constantemente experimento conflitos entre suas propostas para a Educação e a difícil realidade de minha escola.

Nossa escola é limitada, o espaço de atuação também. Porém busco recriar com os professores os espaços buscando novas formas de estar nesse lugar, recuperando o sentido humano e não o neoliberalismo. Isso é feito quando o professor faz com que a educação faça parte da vida e do cotidiano do aluno, fazendo com que sua vivência, experiência e cultura da comunidade façam parte efetiva da escola. Aí a escola tem sua própria identidade. Paulo Freire nos diz que devemos problematizar a realidade; transformação é a consequência do processo de problematização.

Escrevendo agora minhas memórias, digo que ensinei dos níveis fundamentais e médios, a ricos e pobres. Nessa trajetória do exercício docente, acompanhei a história de vida de muitos alunos e com frequência os reencontro pela cidade, pelos bairros. Alegremente cumprimentam-me, alguns me apresentam seus filhos e falam das relações vividas em sala de aula e citam fatos marcantes, e de certa forma as dimensões afetivas estiveram presentes em nossa relação e é por meio da educação que a criança se transforma em adultos responsáveis.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“... era devorado pelo trabalho devorando a vida.
Em meu trabalho, jogava meus interesses, minhas
paixões e minha vida. O amor alimentava minha
vida, que alimentava meu trabalho.”*

(MORIN, 2000, p. 178)

Busquei nesse memorial apresentar um conjunto de fatos e reflexões que me foi (re) constituindo pessoal e profissionalmente. Dentre os aspectos apresentados há que se considerar aquele que é elemento importante em todas as etapas da vida das pessoas: o afetivo.

A afetividade desempenha o papel fundamental no processo-aprendizagem no que diz respeito à motivação e relação professor-aluno, visto que os fatores sociais, afetivos e cognitivos estão intimamente relacionados e não podem ser vistos como fenômenos separados no âmbito das práticas pedagógicas.

Portanto, é necessário o professor conhecer as questões ligadas a afetividade no processo educativo, para isso, é preciso que ele rompa com o senso comum e busque a apropriação do saber sistematizado, ou seja, a teoria, visando construir um trabalho planejado, significativo e consistente.

Nesse curso de Gestão Educacional pude constatar que a prática é necessária, porém a teoria é essencial na ampliação do conhecimento, ambas se completam e quando se busca o conhecimento, as emoções estão presentes, visto que o conhecimento da afetividade se dá através das emoções, do desenvolvimento da aprendizagem, da ação e da relação entre os sujeitos.

A universidade contribuiu muito para essa nova fase como gestora, ela veio de encontro com minhas expectativas. Ao término desta etapa me sinto feliz com os conhecimentos adquiridos, porém, inquieta, pois me trouxe mais questionamentos do que respostas foi um instrumento de indagação e reflexão.

Atuando como gestora e na responsabilidade de articular o trabalho pedagógico de uma escola, possuo um pouco mais de competência técnica para conduzir esta ação na direção dos objetivos de construir uma Educação de melhor qualidade, buscando construir “uma escola mais bela, prazerosa e aprendente” (FREIRE, 1997, p. 160).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita S. *A emoção na sala de aula*. São Paulo: Papirus, 2001 – 2.ed.

BACCEGA, Maria Aparecida, *Meio de Comunicação na Escola*, Revista Comunicação & Educação, São Paulo, nº 25, p.7 a 15, set/dez, 2002.

BORGES, Pedro Faria. *Gestão escolar: guia do diretor em dez lições*. In: ANDRADE, Rosamaria Calaes. *A gestão da escola*. São Paulo: Artimed/Pitágoras, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CENPEC. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. 1987.

CORRÊA, Arlindo Lopes (Ed.). *Educação de massa e ação comunitária*. Rio de Janeiro: AGGS/MOBRAAL. 1979.

DANTAS, Heloysa. *Afetividade e a construção do sujeito a psicogenética* de Henry Wallon, em La Taille, Y, Dantas, H, Oliveira, M.K. Piaget, Vygotsky e Wallon, *Teorias Psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1998.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org) *Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. São Paulo: Komedi. Artes Escrita, 2001.

LEITE, A.S.L. da. e Tassoni, Elvira Cristina Martins. *A Afetividade em Sala de Aula. As Condições do Ensino e a Mediação do Professor*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002.

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MORIN, E. *Meus demônios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

MOTTA, Fernando C. Prestes. *Teoria Geral da Administração: uma introdução*. 21ª Edição, São Paulo: Pioneira, 1997.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia* 8ª ed. São Paulo, Cortez/ Autores Associados, 1985.

TEIXEIRA, Anísio. *Que é administração escolar?* Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.36, n.84, 1961. p.84-89.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. *Psicologia Pedagógica* – edição comentada. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, H. *O papel do outro na consciência do eu*. In: WEREBE, M.J; NADEL – BRULFERT, J. Henri Wallon, São Paulo: Ática, 1959-1986 p. 158-167.

WALLON, H. *Psicologia e educação da infância*. Rio de Janeiro: Estampa. 1995

WEISS, L. *Brinquedos & Engenhocas*. Atividades Lúdicas com sucata. São Paulo: Scipione, 1997.

ANEXO 1:

A figura abaixo mostra o papel da afetividade nos diferentes estágios de acordo com Wallon.¹

ESTÁGIOS	APRENDIZAGEM
1º estágio — impulsivo-emocional (0 a 1 ano) — a criança expressa sua afetividade através de movimentos descoordenados, respondendo a sensibilidades corporais: proprioceptiva (sensibilidade dos músculos) e interoceptivas (sensibilidade das vísceras).	O recurso de aprendizagem nesse momento é a fusão com outros. O processo ensino-aprendizagem exige respostas corporais, contactos epidérmicos, daí a importância de se ligar ao seu cuidador, que segure, carregue, que embale. Através dessa fusão, a criança participa intensamente do ambiente e, apesar de percepções, sensações nebulosas, pouco claras, vai se familiarizando e apreendendo esse mundo, portanto, iniciando um processo de diferenciação.
2º estágio — sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos) —, quando já dispõe da fala e da marcha, a criança se volta para o mundo externo (sensibilidade exteroceptiva) para um intenso contacto com os objetos e a indagação insistente do que são, como se chamam, como funcionam.	O processo ensino-aprendizagem no lado afetivo se revela pela disposição do professor de oferecer diversidade de situações, espaço, para que todos os alunos possam participar igualmente e pela sua disposição de responder às constantes e insistentes indagações na busca de conhecer o mundo exterior, e assim facilitar para o aluno a sua diferenciação em relação aos objetos.
3º estágio — personalismo (3 a 6 anos) — existe outro tipo de diferenciação — entre	O processo ensino-aprendizagem precisa oferecer atividades diferentes e a

¹ O papel da afetividade e seus estágios em relação à aprendizagem (Adaptado de MAHONEY, 2005, v.20, p.11-30).

<p>a criança e o outro. É a fase de se descobrir diferente das outras crianças e do adulto.</p>	<p>possibilidade de escolha pela criança das atividades que mais a atraiam. O adulto será o recipiente de muitas respostas: <i>não; não quero; não gosto; não vou; é meu</i>. O importante do ponto de vista afetivo é reconhecer e respeitar as diferenças que despontam. Chamar pelo nome, mostrar que a criança está sendo vista, que ela tem visibilidade no grupo pelas suas diferenças, propor atividades que mostrem essas diferenças, dar oportunidades para que a criança as expresse.</p> <p>Como, neste estágio — personalismo —, a direção é para si mesma, a criança aprende principalmente pela oposição ao outro, pela descoberta do que a distingue de outras pessoas. Como agora está se descobrindo como diferente dos outros, está rompendo com o sincretismo entre ela e os outros. O tipo de afetividade que facilita essas aprendizagens comporta oportunidades variadas de convivência com outras crianças de idades diferentes e aceitação dos comportamentos de negação, lembrando que são recursos de desenvolvimento.</p>
<p>4º estágio — o categorial (6 a 11 anos) — a diferenciação mais nítida entre o eu e o outro dá condições mais estáveis para a exploração mental do mundo externo, físico, mediante atividades cognitivas de agrupamento, classificação, categorização</p>	<p>Nesse estágio, que coincide com o início do período escolar, a aprendizagem se faz predominantemente pela descoberta de diferenças e semelhanças entre objetos, imagens, idéias. O predomínio é da razão. Esse predomínio vai se expressar em</p>

<p>em vários níveis de abstração até chegar ao pensamento categorial. A organização do mundo em categorias bem definidas possibilita também uma compreensão mais nítida de si mesma.</p>	<p>representações claras, precisas, que se transformarão, com o tempo — é um processo longo —, em conceitos e princípios. Levar ou não em consideração o que o aluno já sabe, o que precisa saber para dominar certas idéias, os exercícios necessários, formas de avaliação, revelam sentimentos e valores e favorecem ou não essa descoberta do mundo.</p> <p>Outro ponto importante é saber e aceitar que todo conhecimento novo, não familiar, implica, na sua aprendizagem, um período de imperícia, resultante do sincretismo inicial. Esse sincretismo inicial vai se desmanchando com as atividades propostas, mas é importante considerá-lo como parte integrante do processo ensino-aprendizagem. À medida que ele evolui, a imperícia é substituída pela competência.</p>
--	--